

PERMANÊNCIA E INOVAÇÃO NO TEATRO PORTUGUÊS DO SÉC. XVI: A *COMÉDIA EUFROSINA*

Rosário Laureano Santos

A primeira edição da *Comédia Eufrosina* foi editada em 1555. Nesse mesmo ano, teve outra impressão a que se seguiram mais três: 1560, 1561, 1566. As três primeiras edições referidas foram impressas na cidade de Coimbra e as duas últimas, em Évora. A fortuna literária obtida na época está patente nas sucessivas impressões desta comédia, que cessaram, por proibição inquisitorial, pelo menos de 1581 a 1612. Em 1616, foi recuperada por Francisco Rodrigues Lobo e o seu êxito recrudescceu, não só em Portugal mas também já em Espanha. Pouco conhecida nos séculos seguintes do público em geral, tornou-se obra de referência para dicionários, gramáticas e obras de investigação, sobretudo devido à sua riqueza linguística.

O seu autor foi Jorge Ferreira de Vasconcelos de quem conhecemos escassos dados biográficos, inclusivamente a data do nascimento, à qual, por aproximação, se atribui o ano de 1515. Sabe-se, porém, que pertenceu a uma família originária de Montemor-o-Velho, foi criado de casa dos Duques de Aveiro e frequentou o meio universitário de Coimbra cerca de 1540, onde se inscreveu no curso de Direito e foi contemporâneo de Camões.¹ Jorge Ferreira de Vasconcelos foi também escri-

¹ As analogias existentes entre o *Auto do Filodemo* de Camões e a *Comédia Eufrosina* de Ferreira de Vasconcelos são bastantes e devidas à convivência próxima dos autores, em Coimbra. Cf. António José Saraiva, *Luís de Camões – Estudo e Antologia*. Lisboa, Bertrand.

vão da Fazenda Real e da Casa da Índia, tendo morrido em 1585. Foi estimado e considerado pelos seus contemporâneos, conforme testemunha Diogo de Teive, insigne humanista e professor no Colégio das Artes².

Legou-nos três comédias em prosa: a *Comédia Eufrosina*, de que já referi a 1ª edição em 1555, a *Comédia Ulysippo*, anterior a 1561, e a *Comédia Aulegrafia*, de que só se conhece a edição de 1619; escreveu também um romance de cavalaria, o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, editado pela primeira vez em 1567. A tradição atribui-lhe ainda outras obras que são hoje desconhecidas para nós.

As comédias deste autor, embora denotem influência clássica, não obedecem aos cânones literários da comédia da antiguidade, uma vez que não se destinavam a ser representadas. Pertencem a um género dramático fictício, em que a acção, muito extensa, dá lugar à análise e à descrição, à caracterização das personagens e dos ambientes, à divulgação de ideias e conceitos e as longas falas proferidas pelas personagens impossibilitam a captação da mensagem pelo ouvido do espectador mais atento. Mais propícias à leitura individual, de gabinete, do que à representação perante o público, num anfiteatro, estão elaboradas segundo os mesmos princípios das tragédias latinas de Séneca, autor do séc. I d. C., que utilizou o género dramático como meio para divulgar a filosofia estóica em Roma.

A *Comédia Eufrosina* foi a primeira obra escrita por Jorge Ferreira de Vasconcelos, ainda na juventude do autor. A acção é tipicamente portuguesa, localizada em Coimbra, e apresenta como tema central o amor de Eufrosina e Zelótipo. Este e Cariófilo, amigos e companheiros na corte, encontram-se em Coimbra em casa de seus pais. Zelótipo apaixona-se pela bela Eufrosina, mas não tem coragem de se lhe dirigir, não só porque idealiza o seu amor, mas também porque a jovem tem uma situação social superior à sua. É Cariófilo, experiente conquistador de raparigas, desde criadas a damas do paço, quem sugere a Zelótipo a estratégia amorosa a seguir: a leitura de uma carta proveniente da Índia, escrita pelo irmão de Sílvia de Sousa, dama de companhia de Eufrosina e prima de Zelótipo. Lida a carta, Zelótipo avista Eufrosina, por quem está cada vez mais apaixonado. Cariófilo aconselha o amigo a escrever ele próprio uma carta a Eufrosina onde lhe declare o seu amor. Esta, a princípio desinteressada e preocupada com a sua reputação, acaba por ceder ao amor de Zelótipo, numa ocasião

² Cf. o epigrama em latim, composto por este humanista, que consta da edição de 1619 (Lisboa) da *Comédia Aulegrafia*.

PERMANÊNCIA E INOVAÇÃO NO TEATRO PORTUGUÊS DO SÉC. XVI: A *COMÉDIA EUFROSINA*

Rosário Laureano Santos

A primeira edição da *Comédia Eufrosina* foi editada em 1555. Nesse mesmo ano, teve outra impressão a que se seguiram mais três: 1560, 1561, 1566. As três primeiras edições referidas foram impressas na cidade de Coimbra e as duas últimas, em Évora. A fortuna literária obtida na época está patente nas sucessivas impressões desta comédia, que cessaram, por proibição inquisitorial, pelo menos de 1581 a 1612. Em 1616, foi recuperada por Francisco Rodrigues Lobo e o seu êxito recrudescceu, não só em Portugal mas também já em Espanha. Pouco conhecida nos séculos seguintes do público em geral, tornou-se obra de referência para dicionários, gramáticas e obras de investigação, sobretudo devido à sua riqueza linguística.

O seu autor foi Jorge Ferreira de Vasconcelos de quem conhecemos escassos dados biográficos, inclusivamente a data do nascimento, à qual, por aproximação, se atribui o ano de 1515. Sabe-se, porém, que pertenceu a uma família originária de Montemor-o-Velho, foi criado de casa dos Duques de Aveiro e frequentou o meio universitário de Coimbra cerca de 1540, onde se inscreveu no curso de Direito e foi contemporâneo de Camões.¹ Jorge Ferreira de Vasconcelos foi também escri-

¹ As analogias existentes entre o *Auto do Filodemo* de Camões e a *Comédia Eufrosina* de Ferreira de Vasconcelos são bastantes e devidas à convivência próxima dos autores, em Coimbra. Cf. António José Saraiva, *Luís de Camões – Estudo e Antologia*. Lisboa, Bertrand.

vão da Fazenda Real e da Casa da Índia, tendo morrido em 1585. Foi estimado e considerado pelos seus contemporâneos, conforme testemunha Diogo de Teive, insigne humanista e professor no Colégio das Artes².

Legou-nos três comédias em prosa: a *Comédia Eufrosina*, de que já referi a 1ª edição em 1555, a *Comédia Ulysippo*, anterior a 1561, e a *Comédia Aulegrafia*, de que só se conhece a edição de 1619; escreveu também um romance de cavalaria, o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, editado pela primeira vez em 1567. A tradição atribui-lhe ainda outras obras que são hoje desconhecidas para nós.

As comédias deste autor, embora denotem influência clássica, não obedecem aos cânones literários da comédia da antiguidade, uma vez que não se destinavam a ser representadas. Pertencem a um género dramático fictício, em que a acção, muito extensa, dá lugar à análise e à descrição, à caracterização das personagens e dos ambientes, à divulgação de ideias e conceitos e as longas falas proferidas pelas personagens impossibilitam a captação da mensagem pelo ouvido do espectador mais atento. Mais propícias à leitura individual, de gabinete, do que à representação perante o público, num anfiteatro, estão elaboradas segundo os mesmos princípios das tragédias latinas de Séneca, autor do séc. I d. C., que utilizou o género dramático como meio para divulgar a filosofia estóica em Roma.

A *Comédia Eufrosina* foi a primeira obra escrita por Jorge Ferreira de Vasconcelos, ainda na juventude do autor. A acção é tipicamente portuguesa, localizada em Coimbra, e apresenta como tema central o amor de Eufrosina e Zelótipo. Este e Cariófilo, amigos e companheiros na corte, encontram-se em Coimbra em casa de seus pais. Zelótipo apaixona-se pela bela Eufrosina, mas não tem coragem de se lhe dirigir, não só porque idealiza o seu amor, mas também porque a jovem tem uma situação social superior à sua. É Cariófilo, experiente conquistador de raparigas, desde criadas a damas do paço, quem sugere a Zelótipo a estratégia amorosa a seguir: a leitura de uma carta proveniente da Índia, escrita pelo irmão de Sílvia de Sousa, dama de companhia de Eufrosina e prima de Zelótipo. Lida a carta, Zelótipo avista Eufrosina, por quem está cada vez mais apaixonado. Cariófilo aconselha o amigo a escrever ele próprio uma carta a Eufrosina onde lhe declare o seu amor. Esta, a princípio desinteressada e preocupada com a sua reputação, acaba por ceder ao amor de Zelótipo, numa ocasião

² Cf. o epigrama em latim, composto por este humanista, que consta da edição de 1619 (Lisboa) da *Comédia Aulegrafia*.

guesas, não poupa críticas aos académicos, de quem não gosta por dois motivos: só falam latim e, na sua maioria, deixam-se conduzir pela ambição. Eufrosina, a protagonista, é caracterizada com os atributos das deusas do Olimpo: tem um pé de Tétis, os membros de Palas, as mãos de Minerva e os olhos de Juno. É, portanto, jovem, muito bela, rica e recatada, e está sempre acompanhada por Sílvia de Sousa, a sua confidente. Apaixona-se por Zelótipo e a cena do seu enamoramento reflecte uma análise pormenorizada da psicologia feminina.

A acção é genuinamente portuguesa e revela-nos aspectos da vida quotidiana do séc. XVI. Surgem referências aos descobrimentos, como, por exemplo, na carta enviada de Goa pelo irmão de Sílvia de Sousa, Troilos. A carta menciona a viagem, a passagem pelo Cabo das Agulhas e pelo Cabo Bojador, com temporais e bonanças, a vida a bordo da nau, as saudades de pátria e da família, as feitorias já em Goa, a vida dos Portugueses na Índia, e o desejo de um rápido regresso com dinheiro, afinal a principal causa do afastamento de Portugal. Mas as referências aos descobrimentos surgem também em comparações ou metáforas náuticas. Diz Andrade, criado de Zelótipo, ao seu amo:

...vi a senhora Eufrosina tam fermosa que nunca cuydey ver cousa daquella maneyra... A senhora sua prima veyome tomar o recado aa porta da antecamara, e vinha sobraçada com ella [Eufrosina], vestida em hũa camisa mourisca, que parecia hũa nao com as velas metidas, com hum abano e os cabelos derredor da cabeça...⁷

A vida quotidiana reflecte-se nos vários estratos sociais, nos hábitos, costumes e atitudes das personagens: as idas das criadas ao rio ou à fonte, onde conversam entre si e encontram os seus namorados, as consultas à alcoviteira e ao astrólogo, as peregrinações a Santiago de Compostela, a vida na corte, em Lisboa e em Almeirim, e em Coimbra. Eufrosina e Sílvia de Sousa dão-nos um testemunho importante⁸ sobre a condição social da mulher, que, segundo ambas, tem duas alternativas quando adulta: ou convento ou casamento. A sorte da mulher casada é pior, sendo rica ou mesmo princesa, porque está totalmente dependente do marido, é criticada muitas vezes pelos cunhados e pela sogra, tem os filhos e cria-os com muito sacrifício e sem compensações. E, embora se retrate a realidade no que respeita à situação da

⁷ *Idem*, Acto II, cena 2, p. 98.

⁸ *Idem*, Acto IV, cena 2,

mulher, o destino das personagens principais, Eufrosina e Zelótipo, no final da peça, está longe da concepção de vida dominante do homem do séc. XVI, já que, os dois jovens não são sujeitos a nenhum tipo de punição, mas são antes perdoados, aceites e recompensados pela família e amigos.

A cada estrato social, o Autor faz corresponder um nível de linguagem apropriado. As falas Cariófilo e Zelótipo estão repletas de máximas e de exemplos retirados de autores da antiguidade, recolhidos possivelmente em florilégios ou antologias, os manuais escolares do tempo. Ovídio, Propércio, Publílio Ciro, são muitas vezes citados, mas também Cícero. Ao dirigir-se a Filtra, Cariófilo afirma, citando Cícero:

Segue-se daqui o que dizia Platam ser bem dito, que nam nacemos pera nos soos. Mas parte pera a patria, e parte pera os amigos, e assi dizem os Estoycos que tudo o que se gera na terra he pera o vso dos homens, pera que huns aos outros podessem aproueitarse. Nam sey se me entendeis? Cuydo que vou hum pouco improprio pera vos.⁹

Filtra, os criados e criadas utilizam os provérbios em profusão e expressões populares. Filtra, queixando-se de Cariófilo, diz:

...heyme de enganar com elle ou bem dentro ou bem fora, antes quero asno que me leue que caualo que me derrube, nam quero trabalho sem beneficio, nem andar a caça com forão morto, e por tanto, o señor arteyro seruidor ronceyro, e o melhor he desauirme de todo com elle porque la te vay ganho nam me des perda, mas he tam sobejo que nam ha quem dele se desapegue, e o que lhe falta de moeda lhe sobeja de parola, porem hũa ora cae a casa e nam cada dia, e tantas vezes vay o cantaro aa fonte que quebra, eylo la vem ele com outro tal comele, como falão no roim logo aparece...¹⁰

Eufrosina e Sílvia de Sousa utilizam uma linguagem familiar.

⁹ *Idem*, Acto I, cena 3, p. 61-62. Vd. Cicero, *De Officiis*, I 7. 22: «Mas uma vez que, conforme escreveu muito bem Platão, não nascemos só para nós, e a pátria reclama uma parte da nossa existência, outra parte os amigos, e, como querem os Estóicos, tudo quanto a terra produz foi criado para a utilidade do homem, e por sua vez os homens nasceram por causa dos homens, de maneira a poderem ajudar-se uns aos outros, o nosso dever é seguir o caminho indicado pela natureza, servir o interesse geral, prestando mutuamente serviços, dando e recebendo, e, ora por meio da nossa habilidade, ou da nossa actividade ou do nosso engenho, estreitar os laços sociais...» —, p. 55.

¹⁰ *Idem*, Acto I, cena 2, p. 46.

EUPHROSINA: Quanteu quero ver esta musica...

SILUIA: Pois senhora não ha sempre o demo d'estar a hũa porta...

EUPHROSINA: ...Querouos manter companhia: ao menos pera vos ouuir: Quem andou já bolindo no meu açafate?...

SILUIA: Bofe que j'elle assi estaua quando eu vim.

EUPHROSINA: Olhay aquella mentirosa, se vos caissem os dentes cada vez, ja os não teueréis... Ora vedesme isto, quem me tirou daqui o alfinete [?]

SILUIA: A sua mulata, ou o perderia ella que nunca o prega.

EUPHROSINA: ...Mostray que eu o conhecerey. Ah esse he elle.¹¹

O Dr. Carrasco, homem de leis e o Estudante, namorado de Vitória no rio, usam e abusam do latim. Diz o Estudante, afastando-se de Vitória no rio:

Auri sacra fames quid non mortalia pectora cogis. Nam de balde chamaua Diogenes aas riquezas *uomitum fortunae*. Por aqui a hey de leuar, porque dadiuas quebrantão pedras. *Et suapte natura uix frenari potest cupiditas.* E por isso dizia Oracio, *Aurum per medios ire satellites*.¹²

Jorge Ferreira de Vasconcelos é um defensor acérrimo do português que contrapõe ao castelhano e ao latim. Com efeito, nesta época, a língua portuguesa era muitas vezes preterida pela castelhana, língua preferencial da corte, ou pelo latim, língua de cultura. Ao afastar a língua portuguesa da castelhana e da latina, conferindo-lhe muito embora o estatuto de língua românica, o Autor atribui-lhe uma identidade própria como marca patriótica. A defesa da língua pátria como reduto da identidade cultural foi partilhada por outros autores, entre eles Fernão de Oliveira, João de Barros, António Ferreira.

A *Comédia Eufrosina* denota, assim, influências literárias renascentistas, como a própria estrutura da peça, os nomes das personagens, a referência frequente a autores latinos da antiguidade, a influência da retórica e a presença da língua latina. Mantém, como herdeira da tradição medieval, o trovador dos antigos cancioneiros, representado por Zelótipo, e as personagens tipo do teatro vicentino como o Dr. Carrasco, o Estudante e Filtra.

¹¹ *Idem*, Acto IV, cena 2, p. 238-239.

¹² *Idem*, Acto II, cena 4, p. 104.

Mas a marca que nos deixa uma leitura atenta da *Comédia Eufrosina* é a de uma muito grande riqueza linguística, que a torna ímpar na literatura portuguesa.¹³

¹³ Sob o patrocínio da Comissão dos Descobrimentos, o Grupo de Teatro Maizum representou a *Comédia Eufrosina* pela primeira vez em Março passado. Estreou no dia 27 no Convento dos Inglesinhos, em Lisboa, e manteve-se em cena durante mês e meio neste local, seguindo depois em digressão para Coimbra e Porto. Foi com muito prazer que fui a responsável, juntamente com a encenadora do grupo, pela selecção do texto representado. A selecção de um texto tão longo e tão pleno de informação não foi tarefa fácil. Sem a introdução de qualquer novo vocábulo, procurámos manter o pensamento do Autor e as temáticas focadas, evitando, contudo, as digressões e comentários, que enriquecem a leitura, mas dificultam a compreensão do espectador. Pena foi que o tempo que estive em cena não permitisse uma assistência mais vasta, mas a afluência do público e das escolas compensou o pequeno número de representações.